

BAGDÁ - IRAQUE

Já faz alguns dias que Orion sobe mais cedo aos céus. Próximo à lua crescente e dourada brilha uma Vênus prateada, que desde o equinócio de primavera namora um Marte vermelho. A cada dia esses amantes celestes apaixonam-se um pouco mais. É o momento de uma conjunção planetária no palco milenar de Bagdá sob o imponente céu mesopotâmico.

Para mim Bagdá são duas. A cidade moderna, cheia de pistas de alta velocidade, cópia fiel das auto-estradas alemãs, interessa-me pouco. A cidade que me encanta tem colorido *killin*, cheiro de especiarias vindo de seus muitos *souhks* e habitantes em cujo olhar eu reconheço uma cumplicidade kármica.

Choca-me o que vejo nas ruas. Esgotos a céu aberto colore o solo de negro. As casas são protegidas por muros altos como prisões contra as tentações do mundo. O calor sufoca. O barulho nas ruas irrita.

Para mim Bagdá são duas. A cidade moderna, cheia de aparatos militares, resultado do estado de guerra no país, interessa-me pouco. A cidade que me encanta tem imponentes mesquitas onde minaretes dourados contrastam com o céu azul. A mistura de anil e ouro enche-me os olhos, transmite-me tranqüilidade, abre espaço para o desejo de conhecê-la melhor.

Transpor os muros exteriores que separa seu pátio interno do mundo dos homens é difícil. Aproximar-me do interior de suas mesquitas me é proibido. O desejo cresce, o conflito aumenta...

Choca-me o que espreito de relance no pátio interno dessas mesquitas. Pessoas cabisbaixas assentadas ao sol, mulheres de *shaddor*

negro chorando histericamente pelos muros, beijando desesperadamente os portões de entrada. O que exteriormente é retrógrado, machista e autoritário domina-me e, sem que consiga entender por quê, impele-me à busca.

Para mim Bagdá são duas. A cidade moderna, que por seu traçado urbanístico lembra o futuro, interessa-me pouco. A cidade que me encanta é aquela que não consigo explicar, que invade-me os sentidos com cores, sons e cheiros. Pareço correr atrás de uma cáfila de sonho, materializada como realidade palpável no meu horizonte. Sinto-me em casa saber por quê. Caminho entre cores, sons e cheiros e ou empurrado pela massa humana por ruelas estreitas e tortuosas. Perco mais e mais o contato comigo mesmo. Pareço não saber quem sou ...

Enquanto no palco celeste o namoro de Vênus e Marte é testemunhado pelo crescente islâmico, caem-se para mim os véus de *Maya*, as muralhas desabam e os portais do inconsciente são abertos ao meu desejo e curiosidade de explorador. A cidade moderna não mais existe. No meio do deserto vermelho surge uma outra cidade e, dentro de suas muralhas, penetro seus labirintos interiores aventurando-me em território desconhecido, desbravando-o a cada nova porta, espiando com olhos de criança por toda e qualquer janela ou greta que me surge à vista.

Para mim Bagdá são duas. A cidade real, descrita nos mapas, interessa-me pouco e talvez nem mesmo exista. A cidade que me encanta existe em meu interior, manifesta-se através de sonhos guiados por Vênus e Marte que em sua dança de conjunção celeste me são mais reais que as ruas pelas quais caminho.

Já faz alguns dias que Orion sobe mais tarde aos céus. Próximo à lua minguante e dourada brilha uma Vênus prateada, que desde o equinócio de primavera namora um Marte vermelho. A cada dia esses amantes celestes afastam-se um pouco mais. É o término de uma conjunção planetária nesse maravilhoso palco milenar sob o imponente céu mesopotâmico.